

LUCIA SANTAELLA

O PARADIGMA DO SENSÍVEL NA COMUNICAÇÃO

*EL PARADIGMA DEL SENSIBLE EN LA
COMUNICACIÓN*

*THE PARADIGM OF SENSITIVITY IN
COMMUNICATION*

Recebido em: 23 abr. 2016

Aceito em: 30 abr. 2016

Lucia Santaella: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo-SP, Brasil)
Coordenadora da Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Diretora do CIMID, Centro de Investigação em Mídias Digitais e Coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUCSP. Bolsista de produtividade CNPq Nível 1A.
Contato: lbraga@pucsp.br

ISSN (2236-8000)

autor convidado

RESUMO

Este artigo se dedica a debater o paradigma do sensível na comunicação. Realizamos uma cartografia acerca dos pesquisadores que trabalham a temática do sentir em suas investigações, com interesse por uma compreensão mais profunda e complexa sobre os modos de sentir nas redes sociais, num momento histórico e tecnológico em que a conectividade e a portabilidade apagam fronteiras entre o *on* e o *offline*, devendo, assim, ser consideradas quando se quer compreender, por exemplo, a dinâmica das multidões nas ruas.

PALAVRAS-CHAVES: Comunicação; Teorias da Comunicação; Paradigma do sensível; Redes Sociais; Movimentos sociais; Pesquisa empírica na internet.

RESUMEN

Este artículo está dedicado a debater el paradigma del sensible en la comunicación. Realizamos una cartografía de los investigadores que trabajan el tema del sentir en sus proyectos, con interés por una comprensión más profunda y compleja sobre las maneras de sentir en las redes sociales, en un momento histórico y tecnológico en lo cual la conectividad y la portabilidad borran las fronteras del *on* y del *offline*, debiendo así ser consideradas cuando se desea comprender, por ejemplo, la dinámica de las masas en las calles.

PALABRAS-CHAVES: Comunicación; Teorías de la Comunicación; Paradigma del sensible; Redes Sociales; Movimientos sociales; Investigación empírica en la internet.

ABSTRACT

This paper focuses on debating the paradigm of sensitivity in Communication. We have made a cartography of researchers who work with the subject of feeling in their research projects, having an interest in a deeper and more complex understanding of feeling in social networks in a historical and technological moment in which connectivity and portability blur the borders between *on* and *offline*, which should be taken into account when one aims to understand, for example, the dynamics of masses on the streets.

KEYWORDS: Communication; Communication Theories; Paradigm of sensitivity; Social Networks; Social Movements; Empirical Research on the Internet.

As primeiras sementes da revolução digital remontam ao surgimento e primeiras aplicações da máquina computacional que, naquela época, no início da segunda metade do século XX, tinha suas funções limitadas a triturar números. Apesar dessa limitação, a máquina de Turing e a arquitetura Von Neuman, de que deriva o processamento computacional, tal como o conhecemos, já haviam deixado claro que, embora sem dúvida se tratasse de uma máquina física, estava longe de se restringir a uma natureza puramente mecânica, mas já inteligente e, logo depois, hipermediática. Tanto isso é verdade que, no seu desenvolvimento até os nossos dias, e especialmente nos seus múltiplos aplicativos, acessíveis por meio de interfaces, os impactos e consequências que tem provocado na economia, na política, na sociedade, cultura e psiquismo humanos são galopantes e crescentes em hipercomplexidade.

No campo da comunicação, a ponta do *iceberg* desses impactos encontra-se no advento das redes sociais que parecem ter encontrado no Brasil um solo fértil de multiplicação, desde o enorme sucesso alcançado pelo finado Orkut, para ser logo substituído pelo Twitter e especialmente o Facebook. Há alguns anos, antes do seu fervilhamento atual, já chamava atenção, em alguns dos meus escritos, para o modo como as redes de relacionamento são propícias ao circuito dos afetos, tanto os mais brandos quanto os mais intensos até o limite da violência simbólica.

PESQUISAS EMPÍRICAS NAS/DAS REDES

Estudos e metodologias para a pesquisa empírica das e, sobretudo, nas redes têm surgido e repercutido no Brasil. Para Halavais (2011: 13), “o empiricismo representa um *modus operandi* que permite construção colaborativa em prol de compreensão compartilhada – compreensão que vai além tanto do indivíduo que observa quanto do que é observado”. Exemplo de pesquisa empírica nas redes encontra-se na metodologia da cartografia das controvérsias, originada na teoria ator-rede de Latour e outros (2012), hoje bastante divulgada na obra de Venturini (2010, 2012)

Segundo Lemos (2013), trata-se de um método de pesquisa que se constitui em um “conjunto de técnicas para explorar e visualizar polêmicas” e que se apresenta como uma versão didática da Teoria Ator Rede. Como pode ser facilmente constatado em uma simples entrada em um buscador na internet, a cartografia de controvérsias não é exclusiva de domínios tecnocientíficos. O método produz uma reviravolta em tudo que até hoje costumávamos chamar de método, pois ele não contém definições, nem hipóteses ou premissas, nem mesmo procedimentos a seguir ou correlações a estabelecer. Basta observar uma controvérsia e descrever, descrever, descrever o que se vê. Isto significa prestar atenção ao estado de coisas concreto, encontrar o relato unicamente adequado de uma dada situação. Deixar a hermenêutica de lado e voltar ao objeto, melhor dizendo, à própria coisa, ao que está acontecendo. Essa metodologia, para aqueles que a defendem, revela-se perfeitamente adequada para os propósitos de uma pesquisa das/nas redes de relacionamento, nas quais as controvérsias são abundantes.

Antes do advento das redes sociais, a pesquisa empírica precisava enfrentar dificuldades que hoje são mais facilmente sanadas, pois “a

internet nos permite ver mais interações do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com o excesso de uma coisa boa” (HALAVAIS, 2011: 15). Por isso mesmo, métodos de pesquisa para internet se tornam necessários como guias para fazer sentido em territórios cujos limites não são facilmente reconhecíveis. Exemplo disso encontra-se no livro de Fragoso et al. (2011).

Há que se considerar também que estamos na era do agigantamento desmedido de dados, uma exacerbação que trouxe como consequência a criação de algoritmos para análises que muito significativamente são chamadas de big data. Embora se possa pensar que se encontra aí um campo exclusivo dos cientistas da computação, já que são eles os responsáveis pela criação de algoritmos para o processamento e tratamento dos dados, são muitas as áreas de conhecimento e prática -- física, economia, matemática, ciência política, bioinformática, sociologia, saúde e muitas outras -- que hoje reclamam pelo acesso a uma quantidade gigantesca de informação que é produzida e que é indicativa do que fazem as pessoas, de como andam as coisas, de todas as interações entre elas e dos processos resultantes. O *big data* permite produzir, analisar e visualizar o desenho de grandes conjuntos de dados para identificar padrões a fim de responder a demandas econômicas, sociais, técnicas e jurídicas etc. (SANTAELLA, no prelo-a).

Acima brevemente descritos encontram-se alguns dos caminhos para a pesquisa empírica da internet. Essas informações são importantes para que se possa aquilatar a imensa e crescente relevância das redes digitais por toda a vida social e a atenção imprescindível que elas têm despertado nos pesquisadores. Embora tais informações sejam aqui tomadas como pressuposto importante, o objetivo do presente artigo toma uma outra direção. Interessa-me aqui explorar o pensamento teórico que foi brotando *pari passu* à emergência das redes digitais, um pensamento que detectou *avant la lettre* que o universo comunicacional estaria daí para a frente sob o domínio da expressão expansiva dos afetos, das emoções e dos sentimentos, um domínio que se expandiria das redes também para as mídias que a precederam. Diante disso, minha decisão foi a de buscar, no campo da comunicação, os pesquisadores que, com destaque, introduziram aquilo que estou aqui chamando de “O paradigma do sensível na comunicação”

OS DOMÍNIOS DO SENTIR

Sem nenhuma pretensão de exaustividade e limitando-me ao ambiente brasileiro, de que tenho notícia, o primeiro livro que circulou em nosso meio, exibindo no título a questão *Do Sentir*, foi o livro de Mario Perniola, publicado na Itália em 1991 e, em Portugal em 1993. Relendo o livro hoje, pode-se afirmar que ele chegou antes do tempo, como se tivesse adivinhado o quanto os paradoxos do sentir, nele discutidos, iriam se tornar uma regra absorvente, quase sem exceções, a partir do advento das redes sociais da internet.

Embora, em 1991, os terminais de computador já tivessem se tornado utensílios domésticos, nem de longe se poderia imaginar naquela época as consequências que a WWW e as interfaces gráficas do usuário iriam trazer para o mundo da comunicação e os abalos que estariam destinadas a provocar nas mídias massivas, especialmente depois da emergência da

Web 2.0. Com esta, o princípio da interatividade que é próprio do universo digital atingiu o paroxismo.

É a interatividade que permite acessar informações à distância em caminhos não lineares de hipertextos e ambientes hipermídia; enviar mensagens que ficam disponíveis sem valores hierárquicos e realizar ações colaborativas na rede. Permite também experimentar a telepresença; visualizar espaços distantes; agir em espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; circular em ambientes inteligentes através de sistemas de agentes. Como se não bastasse, permite ainda interagir em ambientes que simulam vida e se auto-organizam; pertencer a redes sociais e, para completar, viver situações em que as máquinas são capazes de oferecer respostas similares ao comportamento dos seres vivos. Em quaisquer desses casos, nada acontece se não houver o agenciamento do usuário.

O fenômeno das redes sociais não teria explodido do modo como conhecemos se não tivesse sido contemporâneo dos dispositivos móveis em conexão que colocaram na palma da mão dos usuários todos os recursos acima enumerados e, mais do que isso, permitindo a conectividade em qualquer lugar e a qualquer momento (Santaella, 2007). Isso foi incrementando e intensificando o domínio dos afetos nos discursos comunicativos. De fato, enquanto há alguns anos as redes sociais davam vazão a sentimentos relativamente brandos ou de variáveis intensidades que são típicos dos momentos de celebração, das paisagens de lazer merecido, dos encontros entre amigos, dos instantâneos de alegria ou testemunhos de dor, hoje, as redes assemelham-se a um sismógrafo que ininterruptamente registra as ondas sísmicas do sistema nervoso social.

Diante disso, embora Perniola tenha ficado mais conhecido no Brasil com seu livro *O sex appeal do inorgânico* (2005) é perturbadora e inquietante para as condições atuais a tese antecipadamente defendida por Perniola no seu livro *Do Sentir*. Para ele, quando pensamos estar sentindo, ou sentimos estar sentindo, na realidade estamos sentindo o já sentido. Isto quer dizer que os objetos, as pessoas, os acontecimentos apresentam-se como algo já sentido, que vem ocupar-nos com uma tonalidade sensorial, emotiva, espiritual já determinada. Na verdade, não é entre a participação emotiva e a indiferença que reside a distinção, mas entre o que está por sentir e o já sentido. Isso atinge todos os níveis de nossa experiência até o ponto de percebermos como já sentida até mesmo “a experiência à primeira vista mais imediata e mais íntima, a do nosso próprio corpo que se tornou objeto de uma atenção cosmética, terapêutica e hedonista sem precedentes” (PERNIOLA, 1993: 19).

A tese é fundamentada em três grandes eixos: a transformação da ideologia em sensologia, a da burocracia em mediocracia, e a do narcisismo em especularismo. Quando as sensações se exacerbam até o limite da excrescência, não há lugar para os discursos pretensamente coesos das ideologias. No seu livro *Ligação direta. Estética e política*, publicado na Itália, já em 1986, e traduzido para o português apenas em 2011, Perniola discutia os três estilos pós-ideológicos: o estilo romântico, o Talleyrand e o doutrinário (1993: 39-56). Mais tarde, em *Do sentir*, percebeu a substituição da ideologia pela sensologia. “Se a ideologia era a socialização dos pensamentos, a sensologia é a dos sentidos” (PERNIOLA, 1993: 15). De fato, coletivizam-se as sensações não pela atração que as ideias prontas das

doxas exercem sobre as mentes frágeis, mas pelo poder que as sensações têm de contágio virótico. Já a passagem da burocracia à mediocracia não consiste apenas na transferência do domínio do sentir, da sensibilidade e da afetividade do ser humano para os aparatos e dispositivos, mas também na virada dos interesses e necessidades para as sensações como fins em si mesmas.

Quanto à noção do especularismo, graças à qual Perniola se livra dos clichês do narcisismo e exibicionismo, que hoje infestam as análises das redes, trata-se do aspecto mais inquietante do sentir o já sentido, quando

não só a imagem de nós próprios não nos pertence completamente, mas até o modo como sentimos nos parece de certo modo estranho e, por assim dizer, prefixado. Se, para o narcisista o mundo é um espelho em que ele olha a si próprio, a experiência do já sentido parece ligada ao fato de se tornar o espelho em que o mundo se olha. Por isso, talvez seja menos oportuno falar de narcisismo do que de um especularismo que reflete experiências prefiguradas (PERNIOLA, 1993: 19).

Com isso, o ponto mais profundo do sentir contemporâneo surge como “um meta-sentido que rejeita a possibilidade de sentir algo para além de si próprio: mas até este sentir-se a si próprio se apresenta sob a forma do já infinitamente sentido”. Como se pode ver, é radical a subversão crítica com que Perniola desconstrói as noções teimosamente românticas e ilusórias do sentir. Por isso mesmo, os conceitos que o autor desenvolve nesse livro constituem em instrumental cirúrgico imprescindível para se penetrar nas nervuras dos modos de sentir das redes.

Em 1986, logo após o aparecimento da tradução em língua portuguesa dessa obra de Perniola, Oliveira e Landowski organizaram um livro com o título *Do inteligível ao sensível*, no qual vários semioticistas brasileiros discutem a grande virada da semiótica greimasiana para o território das paixões, a partir do aparecimento do livro *Da imperfeição* (GREIMAS, 1987). Tanto na introdução desse livro quanto no seu artigo “En déjà ou au-delà des stratégies: la présence contagieuse” (2001), Landowski propõe a concepção de uma sociosemiótica que enfatiza o regime do contágio na co-presença dos actantes. Com isso, estende o domínio da semiótica para a experiência sensível, própria do vivido. Em 2013, Oliveira avança essa proposta com a publicação de uma volumosa coletânea de textos voltados para *As interações sensíveis*, que tomam como base a obra de Landowski.

Ainda sem tocar de perto nas vicissitudes das comunidades da internet, em 2006, Muniz Sodré, lançou o livro *As estratégias sensíveis. Afeto, mídia e política* no qual já pressentia a predominância dos modos de sentir hoje fervilantemente presentes nas redes sociais, antecipando colocações defendidas, entre outros, por Clay Shirky no seu livro *A cultura da participação*, de 2011. De fato, em 2006 já era possível divisar a relevância que os afetos e emoções passariam a desempenhar nos processos de comunicação, inclusive nos processos de hibridação, como é o caso, por exemplo, no campo da produção, da presença dos dispositivos no jornalismo móvel que, na paixão do momento, não apenas coleta imagens e edita textos nos celulares para envio imediato às redações, quanto também é o caso, dos usuários que, por meio das plataformas das redes

sociais, interagem contrapontisticamente, com a grande mídia de massa, expressando em tempo real seus modos de sentir, enquanto assistem a partidas de futebol ou a novelas de televisão.

O livro de Sodré é norteado pela tese de que, sob o domínio do sensorialismo, a razão instrumental vem perdendo seu poder de influência sobre as consciências. Contudo, liga o sentir às estratégias que não são as mesmas em todas as mídias. Portanto, formas de instrumentalização, inclusive do próprio sentir, continuam a existir, por exemplo, na publicidade. Isso coloca sua tese próxima de Perniola. Entretanto, ao considerar a estética em sentido amplo, como modo de referir-se a toda a dimensão sensível da experiência vivida, Sodré chama atenção para a potência das zonas obscuras e contingentes dos afetos, zonas que, na sua imprevisibilidade, fogem ao controle da instrumentalização, mesmo quando esta é executada sob disfarces.

OUTRAS ESTÉTICAS E NOVOS MODOS DE SENTIR

Enquanto lia o livro de Sodré, Priscila Arantes e eu estávamos às voltas com a organização e edição do livro *Estéticas tecnológicas*, publicado apenas em 2008. Não por acaso, demos a esse livro o subtítulo de “novos modos de sentir”. Conforme a introdução explícita, buscava-se recuperar o sentido original da palavra “estética”, tal como concebida por Baumgarten. A estética como a equivalente sensual da lógica, ou seja, em lugar do saber analítico que é próprio da lógica, a estética fala de um outro tipo de conhecimento que nos é transmitido pela sensorialidade, um modo de percepção em que o todo não é reconhecido para propósitos práticos, nem pode ser submetido a procedimentos estritamente analíticos, pois depende de uma capacidade sintética, que se desenvolve, quando se abre os poros do espírito e as janelas dos sentidos para fenômenos nos quais predominam os aspectos qualitativos.

O adjetivo “tecnológica”, que acompanha “estética”, indicia um recorte que delimita o potencial que os dispositivos tecnológicos apresentam para a criação de efeitos estéticos, quer dizer, efeitos capazes de acionar a rede de percepções sensíveis do receptor. Assim, o livro coloca em discussão as condições propiciadas pelos aparelhos, dispositivos e suportes tecnológicos que, desde a invenção da fotografia até os hibridismos permitidos pelo digital e pelas invenções tecno-científicas contemporâneas, de modo cada vez mais vertiginoso, vêm ampliando e transformando as bases materiais e os potenciais dos modos de produção estéticos. Por isso, estéticas tecnológicas não se localizam necessariamente em objetos ou processos considerados artísticos, nem precisam aparecer em lugares de exposição ou circulação de arte. São processos de criação que não mais se restringem ao âmbito da arte.

Embora a obra de arte seja “uma representação bem sucedida e privilegiada, ela não esgota o objeto da estética, que é na verdade ‘arte de perceber’, uma poética da percepção, portanto, um modo de conhecimento do sensível em sentido amplo – a faculdade de sentir do sujeito humano” (SODRÉ, 2006: 86). Assim, estéticas tecnológicas podem se fazer presentes em uma infinidade de produções, tais como vinhetas, *folders*, convites, *flyers*, banners, catálogos, vídeos, *games*, publicidades, designs digitais,

vinhetas de televisão, filmes inclusive documentários, efeitos especiais no cinema, nas novas formas do audiovisual, na moda, nas sonoridades circundantes e, também, nas infinidades de *sites*, *blogs*, de que as redes estão povoadas ou, ainda nas telinhas de um celular que nos seduzem com seus ícones animados e sons, com o acabamento de sua forma e superfície, com a sutileza dos seus minúsculos botões.

Tendo se iniciado com a fotografia -- seguida pelo cinema, rádio, TV, áudio, vídeo, e agora pela internet, a hiper e transmídia, a realidade virtual, aumentada, misturada e as mídias locativas -- embora recente, a história das estéticas tecnológicas transforma-se de modo assoberbante e apresenta como característica dominante a tendência à absorção transformadora das estéticas precedentes pelas estéticas subsequentes, gerando associações, interações, convergências, inter traduções e hibridismos cada vez mais intensos de linguagens, técnicas, formas, padrões, em que o texto impresso, o discurso falado, a voz, música, som ambiente, gestos, linguagem matemática, linguagens de programação de *software*, fotografia, cinema, vídeo, animação bi e tridimensionais, teatro, artes plásticas, dança etc. tornam-se, agora, graças ao computador, elementos descategorizados do seu sentido original enquanto meio ou linguagem (GARCIA, 2007). Enfim, as mudanças e inovações no universo digital são exponenciais. Estamos no olho do furacão e a convergência da ciência, tecnologia, mídias e arte parece estar apenas começando (SANTAELLA, 2008: 9-20).

Se fosse rever essa introdução hoje, levaria as constatações dos novos modos de sentir para zonas mais paradoxais. Ou seja, essas constatações têm que ser agora repensadas no contexto dos apetites pantagruélicos do turbo capitalismo em suas alianças indissolúveis com o consumismo a qualquer preço. Um consumismo que hoje depende daquilo que, já em 1986, Perniola (2011: 57-74) chamava de superestético, justo naquele ponto em que este se encontra com o superkitch, ou seja, “a ostentação sem pudor de um poder e de uma riqueza que se constrói exatamente pela aparência, pelo exaltado crédito, pela multiplicação numérica dos bens e dos *status symbols*”. As ideias expostas nesse livro por Perniola encontram complementações no seu livro, *Desgostos. Novas tendências estéticas*, publicado na Itália em 1999, e no Brasil em 2010.

Críticas similares ao superestético aparecem na obra recente de Lipovsky e Serroy (2015) sobre a *Estetização do mundo* desta era do capitalismo artista que, no triunfo do fútil e do supérfluo, propiciou a emergência do indivíduo transestético, “drogado pelo consumo, obcecado pelo descartável, pela celebridade, pelos divertimentos fáceis” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015: 31).

SENTIR ENTRE AS REDES E AS RUAS

Existem eventos que estão se multiplicando no mundo e que podem ser considerados como picos ou paroxismos nos modos de sentir. Trata-se das formas de militância contemporâneas nas suas junções inconsúteis das redes com as ruas e que, no Brasil, tiveram início nos movimentos sociais de junho de 2013. Antes disso, Di Felice já antecipava questões importantes para compreender a nova dinâmica das redes e ruas, no seu livro *Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do*

habitar, de 2009, assim como retrabalhou essas questões, pós-2013, no livro *A vida em rede*. Inspirada nas paisagens pós-urbanas de Di Felice, em 2012, um dos capítulos de meu livro *Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação* (SANTAELLA, 2013: 93-110) versa sobre o tema da “política nas redes em tempo real”. Na época em que foi escrito, a primavera árabe havia feito história e o movimento *Occupy* norte-americano havia recém fenecido. O artigo buscou dar conta de duas questões que, no momento, me pareciam fundamentais: a transformação do conceito e das práticas dos movimentos sociais a partir dos anos 1980 e, na sequência, o papel desempenhado pelas redes digitais nessa transformação.

A tradição marxista nos legou a noção de movimentos sociais como ações coletivas de caráter revolucionário contra as relações de produção contraditórias do sistema capitalista. Equalizavam-se, portanto, à luta de classes na ação histórica da sociedade. Já a partir dos anos 1980, os movimentos sociais foram se tornando cada vez mais heterogêneos e complexos, configurados no meio urbano, com estruturas e linhas de ação diversificadas ambientalistas, anticapitalistas, feministas, pacifistas, pelos direitos dos animais etc. Ocorrendo na maior parte das vezes sob a forma do associacionismo civil, a heterogeneidade dos novos movimentos sociais converge sempre para estratégias de mobilização em franca oposição a alguma ordem dominante.

Com isso, ampliou-se necessariamente o conceito de movimentos sociais. De todo modo, sempre defendi e continuo defendendo (SANTAELLA, no prelo-b) com eloquência a importância de se considerar o papel desempenhado pelas redes no fervor das ruas. Sem fazer pesar em demasia um ou outro lado da balança, o das redes e o dos corpos vivos nas ruas, trata-se de compreender que, desde o momento em que a conectividade se livrou dos fios e adquiriu uma portabilidade leve e volátil, o ser humano passou a adquirir uma existência *on* e *off line* simultaneamente. Hoje habitamos espaços intersticiais com passagens instantâneas do virtual ao presencial e vice-versa. Eis aí uma questão que não pode ser menosprezada, se quisermos compreender a dinâmica das multidões nas ruas.

Uma avalanche de matérias jornalísticas, de entrevistas com especialistas, artigos nas redes e em blogs emergiram *pari passu* ao estado febril dos fatos, sem dúvida, escritos “imbuídos não só da lucidez da crítica, mas também da paixão do engajamento e da esperança” (CARNEIRO, 2012, p. 10). Por certo, não de modo exaustivo, fui selecionando e lendo avidamente esses artigos, enquanto acompanhava a sua cobertura no *imbroglio* das mídias convencionais e das novas mídias na riqueza que estas apresentam para transformar a antiga condição do espectador em vivência participativa. Logo depois, o borbulhar dos artigos foi seguido pela publicação de livros sobre o tema, tais como *Occupy*, da editora Boitempo (HARVEY et al., 2012), Malini e Antoun (2013), Castells (2013a; 2013b), *Cidades Rebeldes*, da editora Boitempo (HARVEY et al., 2013).

Sem temor de simplificação, tanto quanto posso ver, existe uma força que imanta todos esses movimentos, no Brasil e fora dele, a saber, a potência do sentimento, dos afetos e das emoções e que a ideia de Negri e Hardt com base espinoziana, de “multidão como uma multiplicidade de singularidades que não pode encontrar unidade representativa em nenhum sentido”. Assim sendo, multidão surge como uma “potência política *sui*

generis”, tornando-se poderosa em razão de “sua capacidade de circulação, de navegação, de contaminação”. Embora Negri (2003: 43) não esteja aí diretamente se referindo aos enxames de frequentadores e participantes das mídias digitais, salta à vista a adequação de tais características para referenciar não só enxames de corpos presenciais, mas também de suas extensões nas redes.

Com isso, creio que deixei relativamente exposta a cartografia que, até o momento, consegui desenhar no meu canteiro de trabalho para dar início a uma pesquisa sob o título de “Babel digital”, essa babel que se encontra atualmente no Brasil em ponto de fervura borbulhante, mas infelizmente temperada com aquilo que as ideologias deste país têm de mais nefasto, sua incapacidade de se livrar da asfixia do maniqueísmo: “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, como já foi preconizado por Glauber Rocha.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Henrique Soares. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. Occupy, movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 7-14.

CASTELLS, Manuel. O povo não vai se cansar de protestar. Entrevista concedida a Mauricio Meireles. O Globo, 29 jun. 2013. 2013a. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/manuel-castells-povo-nao-vai-se-cansar-de-protestar-8860333>. Acesso em: 03 jul. 2013.

_____. Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

DI FELICE, Massimo. Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo; LEMOS, Ronaldo. A vida em rede. Campinas: Papirus, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

GREIMAS, A. J. De la imperfection. Périgueux: Fanlac, 1987.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely et al. (org.). Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

HARVEY, David et al. Occupy. Movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo.

LANDOWSKI, Eric. Em déjà ou au-delà des stratégies contagieuses. Caderno de Discussão de Centro de Pesquisas Sociosemióticas, n. 7, Ed. do CPS, 2001.

LATOURE, Bruno. Reagregando o Social. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUFBA e EDUSC, 2012.

LEMOS, André. Cartografia das controvérsias. Disponível em: <https://prezi.com/bxz1z7h3xnga/cartografia-de-controversias/>, 2013. Acesso em: 01 abr. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NEGRI, Antonio. 5 Lições sobre império. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). As interações sensíveis. Ensaio de sociossemiótica a partir da obra de Eric Landowski. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.); LANDOWSKI, Eric (org.). Do inteligível ao sensível. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDC, 1995.

PERNIOLA, Mario. Do sentir. Tradução de Antonio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

_____. O sex appeal do inorgânico. Tradução de Nilton Moulin. São Paulo: Estudio Nobel, 2005.

_____. Desgostos. Novas tendências estéticas. Tradução de David Pessoa Carneiro. Florianópolis: UFSC, 2010.

_____. Ligação direta. Estética e política. Tradução de David Pessoa Carneiro. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Introdução. In: SANTAELLA, Lucia (org.); ARANTES, Priscila (org.). Estéticas tecnológicas. Novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008, p. 11-20.

_____. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. Movimentos sociais nas redes & nas ruas. No prelo-a.

_____. Big data e transformações na metodologia das ciências. No prelo-b.

SANTAELLA, Lucia (org.); ARANTES, Priscila (org.). Estéticas tecnológicas. Novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis. Afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

VENTURINI, T. Diving in Magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010. Disponível em: <http://pus.sagepub.com/content/19/3/258>. Acesso em: 15 out. 2013.

_____. Building on faults: How to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012. Disponível em: <http://pus.sagepub.com/content/21/7/796>. Acesso: 15 out. 2013.